

# Líder vira mito após passar 27 anos na prisão

ESP

1/8/91

LOURIVAL DE SANT'ANNA Fº

Disfarçado de motorista, Nelson Rolihlahla Mandela dirigia por uma estrada ao norte de Durban, capital da Província de Natal, quando foi detido por uma barreira policial. Mal sabia o regime sul-africano que naquele 5 de agosto de 1962, em vez de punir um negro inconveniente que viajava sem permissão, estava ajudando a criar uma celebridade.

A carreira política de Mandela, presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), está marcada por essa inversão. Sua ausência física, por 27 anos, da luta contra o regime racista branco resultou na perturbadora presença como mito na vida política não só da África do Sul, mas do mundo inteiro.

Foi na prisão, onde só podia receber a família e estava proibido de dar declarações políticas, que se tornou um símbolo. Em seu segundo julgamento, em 1964, quando as acusações foram ampliadas de uma singela viagem sem autorização para "sabotagem e conspiração", Mandela produziu o que foi considerado seu mais acabado documento político, ao defender a sabotagem como resposta à "violência do regime" e admitir a participação de comunistas na direção do CNA — embora assegurasse não ser comunista. Foi condenado à prisão perpétua.

## NOBREZA

Mandela nasceu em 10 de julho de 1918, em Umtata, hoje capital do Transkei, bantustão (designação das áreas autônomas criadas pelo regime racista para confinar os negros) declarado independente pelo governo sul-africano. É príncipe da tribo Thembu, um dos ramos da etnia cossa. Renunciou à chefia hereditária da tribo para estudar em Clarkebury.

Em Fort Hare, conheceu Oliver Tambo — que presidiu o CNA no exílio até o mês passado. Tambo e Mandela criariam o primeiro escritório de advocacia para negros na África do Sul. O contato de Mandela com o CNA (fundado em 1912) ocorreu entretanto por meio de Walter Sisulu, depois de se mudar em 1941 para Johannesburgo, onde cursou Direito na Universidade Witwatersrand. Mandela, Sisulu e Tambo reorganizaram o CNA, na época dirigido por chefes tribais. Em 1952, Mandela já era vice-presidente da organização. Seis anos depois, casou-se com a assistente social Nonzamo Winnie Madikizela.

Os líderes do CNA decidiram recorrer à luta armada em 1960, depois que 69 negros foram massacrados pela polícia na cidade-dormitório de Sharpeville. O CNA só renunciou ao uso da força em agosto do ano passado, mediante acordo com o presidente Frederik de Klerk, que em troca prometeu anistia aos 2 mil presos políticos e 20 mil exilados. Antes disso, em fevereiro, de Klerk havia anunciado seu programa de reformas antiapartheid, com a legalização do CNA e a libertação de Mandela.

Logo depois, no entanto, o líder zulu Mangosuthu Buthelezi, durante anos o principal colaborador negro do regime, anunciou que não aceitaria "ficar de fora". Começaram então os combates entre militantes do Inkatha — chefiado por Buthelezi — e do CNA. No período de um ano, esses confrontos já deixaram 2 mil mortos e abarrotaram o arsenal de argumentos da extrema direita branca, que prevê a instauração do caos no país se a maioria negra chegar ao poder.